

JOHN CARLIN

CONQUISTANDO O INIMIGO

NELSON MANDELA E O
JOGO QUE UNIU A ÁFRICA DO SUL



SEXTANTE

INTRODUÇÃO

A primeira pessoa a quem propus fazer este livro foi Nelson Mandela. Nós nos encontramos em sua casa em Johannesburgo em agosto de 2001, dois anos após ele ter deixado de ser presidente da África do Sul. Depois de um bate-papo descontraído, arte em que Mandela é imbatível, e de compartilharmos algumas reminiscências sobre os anos tensos de transição política na África do Sul, durante os quais trabalhei como repórter de um jornal britânico, abordei o assunto.

Depois de falar de temas gerais, expressei minha opinião de que todas as sociedades, saibam disso ou não, aspiram a Utopias de algum tipo. Os políticos se aproveitam da esperança das pessoas de que é possível atingir o paraíso na Terra. Como não é, as nações e os indivíduos vivem eternamente em busca de sonhos. No caso de Mandela, o sonho que o sustentou durante os 27 anos que passou na prisão foi o que ele compartilhou com Martin Luther King Jr.: que um dia as pessoas em seu país fossem julgadas não pela cor de sua pele, mas pelo seu caráter.

Enquanto eu falava, Mandela se manteve impassível feito uma esfinge, como sempre faz quando a conversa fica séria e ele é o ouvinte. Não se tem certeza se ele está prestando atenção ou perdido em seus próprios pensamentos. No entanto, quando citei King, ele assentiu balançando o queixo bruscamente para baixo, com os lábios franzidos.

Encorajado por sua reação, disse que o livro que pretendia escrever era sobre a transferência pacífica de poder na África do Sul de um regime de brancos para um regime majoritário, do apartheid para a democracia. Ele cobriria um período de 10 anos, começando com o primeiro contato político de Mandela com o governo, em 1985 (percebi um sinal de concordância com isso também), enquanto ainda estava na prisão. Quanto ao tema, ele seria relevante em qualquer lugar onde surgissem conflitos gerados pela incompreensão e pela desconfiança que andam de mãos dadas com o tribalismo congênito das espécies. Estou me referindo ao sentido mais amplo do termo “tribalismo”, aplicado a raça, religião, nacionalismo ou política. George Orwell o definiu como o “hábito de pressupor que os seres humanos podem ser classificados como insetos e que grupos inteiros de milhões ou de dezenas de milhões de pessoas podem ser consistentemente rotulados de ‘bons’ ou ‘maus’”. Em nenhum lugar desde a queda do nazismo esse hábito desumanizador tinha sido institucionalizado de forma mais meticulosa que na África do Sul. O próprio Mandela descreveu o apartheid como um “genocídio moral” – não com campos de concentração, mas com o extermínio insidioso da autoestima das pessoas.

Por isso, no auge da Guerra Fria, o apartheid foi o único sistema político do mundo considerado por muitos países – Estados Unidos, União Soviética, Albânia, China, França, Coreia do Norte, Espanha e Cuba – “um crime contra a humanidade”, segundo a definição da Organização das Nações Unidas. No entanto, dessa injustiça épica surgiu uma reconciliação épica.

Ressaltei para Mandela que, trabalhando como jornalista, eu tinha conhecido muitas pessoas que lutavam pela paz no Oriente Médio, na América Latina, na África e na Ásia: a África do Sul era um ideal ao qual todas elas aspiravam. Na indústria da “solução de conflitos”, que se desenvolvia rapidamente desde o fim da Guerra Fria, quando disputas locais começaram a surgir por todo o mundo, o manual de como se chegar à paz por meios políticos era a “revolu-

ção negociada” da África do Sul. Nenhum país jamais tinha feito a transição da tirania para a democracia de forma mais hábil e humana. Reconheci que muito já tinha sido escrito a respeito dos aspectos básicos do “milagre sul-africano”. O que estava faltando, a meu ver, era um livro sobre o fator humano, sobre a maravilha do milagre. Eu vislumbrava uma história extremamente positiva que mostrasse o animal humano em seu melhor momento; um livro protagonizado por um herói de carne e osso; um livro sobre um país cuja maioria negra deveria ter sede de vingança, mas, em vez disso, seguindo o exemplo de Mandela, deu ao mundo uma lição de perdão iluminado. Meu livro incluiria um vasto elenco de pessoas negras e brancas, cujas histórias seriam a face viva da grande cerimônia de redenção da África do Sul. Mas, sobretudo, numa época da história em que se olhava para os líderes mundiais e viam-se apenas minúsculos exemplos morais, meu livro seria sobre ele (a esfinge não se retraiu quando eu disse isso). Não seria uma biografia, mas uma história que lançaria luz sobre seu gênio político, seu talento de ganhar pessoas para sua causa por meio de um apelo a suas melhores qualidades, extraindo, como dizia Abraham Lincoln, anjos de sua natureza.

Disse que gostaria de pautar o livro em torno de um evento esportivo em particular. O esporte tem o grande poder de mobilizar as emoções das massas e moldar percepções políticas. (Ele assentiu de novo, rápida e enfaticamente.) Dei como exemplos os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936 – que Hitler usara para promover a ideia da superioridade ariana, embora o atleta afro-americano Jesse Owens tenha atrapalhado seus planos ao conquistar quatro medalhas de ouro – e Jackie Robinson, o primeiro negro a jogar na liga principal de beisebol, o que ajudou a desencadear a mudança de consciência necessária que resultaria em grandes transformações sociais na América. Mencionei também a inesperada vitória dos Estados Unidos contra a União Soviética no hóquei sobre o gelo nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1980, ainda mais saborosa por ter acontecido em solo nacional.

Então lembrei a Mandela uma frase que ele usara um ou dois anos antes, ao entregar o prêmio pelo conjunto da obra a Pelé, o “rei do futebol”. Li, de algumas notas que tinha levado, o que ele dissera: “O esporte tem o poder de mudar o mundo. Tem o poder de inspirar, o poder de unir pessoas que têm pouco em comum... É mais poderoso que os governos para derrubar barreiras raciais.”

Finalmente chegando ao ponto, contei a Mandela qual seria a narrativa central do meu livro e por que precisaria do seu apoio. Eu lhe disse que um determinado evento esportivo superava todos os outros que eu tinha mencionado. Era para ele que convergiam todos os temas abordados durante nossa conversa. Esse evento tinha evocado, de forma mágica, a “sinfonia de fraternidade” do sonho de Martin Luther King. Ele foi o resultado de todo o sofrimento de Mandela e de tudo pelo que ele lutara na vida. Eu estava me referindo à final da...

De repente seu sorriso iluminou a sala e, juntando suas mãos enormes num feliz reconhecimento, ele terminou a frase por mim: “...Copa do Mundo de Rúgbi de 1995!” Meu sorriso confirmou meu palpite e ele acrescentou: “Sim. Sim. Entendo perfeitamente o livro que você tem na cabeça.” Falou com voz firme, como se não tivesse 82 anos, mas 40. “John, você tem a minha bênção. De todo o coração.”

Muito animados, nos cumprimentamos, nos despedimos e combinamos nos encontrar em breve. Nessa segunda entrevista, com o gravador ligado, ele explicou como a ideia do poder político do esporte tinha lhe ocorrido pela primeira vez, enquanto estava preso, e como usara a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995 como um instrumento para alcançar a grandiosa meta que estabelecera para si mesmo durante seus cinco anos como primeiro presidente da África do Sul democraticamente eleito: reconciliar negros e brancos e criar as condições para uma paz duradoura num país que, apenas cinco anos antes, quando ele foi solto, apresentava todas as condições para a guerra civil. Ele me contou, com um risinho de satisfação, da dificuldade que teve para convencer seu próprio povo a apoiar o time

de rúgbi e falou com afeição de François Pienaar, o grande filho louro do apartheid, capitão do Springboks (o time sul-africano), e do dirigente do time, outro sul-africano gigantesco, Morné du Plessis, a quem Mandela descreveu, de forma educada e antiquada, como sendo “um excelente rapaz”.

Depois que tive essa conversa com Mandela, todo tipo de gente concordou em me dar uma entrevista para o livro. Eu já tinha coletado bastante material para a minha história durante os seis memoráveis anos em que trabalhei na África do Sul, de 1989 a 1995, como chefe da sucursal do jornal londrino *Independent*. E, nos 10 anos seguintes, voltei algumas vezes àquele país em missões jornalísticas. Mas só comecei a me encontrar com as pessoas especificamente por causa do livro depois que conversei com Mandela, começando com uma das estrelas do Springboks daquele campeonato, Hennie le Roux. Não se espera que uma entrevista com um jogador de rúgbi suscite sentimentos cálidos, mas foi exatamente o que me aconteceu. Le Roux ficou comovido ao falar sobre Mandela e o papel que ele, um sul-africano decente, mas alheio à política, acabou desempenhando no destino de seu país. Passamos duas horas juntos num escritório que ocupava um andar inteiro, completamente vazio, ao anoitecer, e, por três ou quatro vezes, ele teve que parar no meio das frases para engolir o choro.

A entrevista com Le Roux deu o tom para dezenas de outras que fiz para este livro. Em muitos casos, houve momentos que os olhos de meus interlocutores ficavam marejados, principalmente o pessoal do rúgbi. E, em todos os casos – fosse o arcebispo Desmond Tutu ou o nacionalista de extrema direita sul-africano general Constand Viljoen, ou seu irmão gêmeo de inclinação esquerdista, Braam – eles reviveram os momentos que discutimos num clima alegre que às vezes beirava a euforia.

Mais de uma vez, as pessoas comentaram que o livro que eu ia escrever parecia uma fábula, uma parábola ou um conto de fadas. Isso era uma coisa estranha de se dizer para os protagonistas de carne e

osso de um conto político tão violento, mas era a pura verdade. O fato de ter acontecido na África e envolvido um jogo de rúgbi era um mero detalhe. Se tivesse acontecido na China e o cenário fosse uma corrida de búfalos, continuaria sendo uma história exemplar, já que atendia a duas condições básicas de um bom conto de fadas: era interessante e continha uma lição duradoura.

Dois outros pensamentos me ocorreram quando avalei todo o material que coletara para este livro. Primeiro, o gênio político de Mandela. Essencialmente, a política é a arte de persuadir as pessoas, de conquistá-las. Todos os políticos são sedutores profissionais. Eles fazem da adulação um modo de ganhar a vida. E, se forem espertos e bons nisso, se tiverem o talento para tocar o coração do povo, serão bem-sucedidos. Lincoln tinha essas qualidades, assim como Roosevelt, Churchill, De Gaulle, Kennedy, Martin Luther King, Reagan, Clinton e Blair. E também Arafat. E, nesse sentido, Hitler. Todos eles convenceram o povo a aderir à sua causa. O que faz Mandela – o anti-Hitler – se destacar entre eles, o que o torna único, é o tamanho de sua ambição. Após conquistar seu próprio povo – o que já é um grande feito, pois se tratava de um grupo muito diversificado, composto por pessoas de todos os credos, cores e tribos –, saiu para fazer o mesmo com o inimigo. Como fez isso – como conquistou as pessoas que aplaudiram a sua prisão, que o quiseram morto, que planejaram entrar em guerra contra ele – é o tema principal deste livro.

O segundo pensamento que me ocorreu foi que, mais que uma história, mais até que um conto de fadas, este livro poderia ser acrescentado ao vasto conjunto de obras de autoajuda que oferecem às pessoas modelos de como ter sucesso na vida. Mandela dominou, mais que qualquer outra pessoa viva (e, bem possivelmente, morta), a arte de fazer amigos e influenciar pessoas. Fossem elas de extrema esquerda ou de extrema direita, tivessem elas de início temido, odiado ou admirado Mandela, todas as pessoas que entrevistei acabaram se sentindo renovadas e melhoradas por seu exemplo. Todas

elas, ao falar dele, pareciam brilhar. Este livro busca, de forma humilde, refletir um pouco a luz de Mandela.

CAPÍTULO 1
CAFÉ DA MANHÃ EM HOUGHTON

24 de junho de 1995

Ele acordou, como sempre, às 4h30 da manhã. Levantou-se, trocou de roupa, dobrou o pijama e fez a cama. Tinha sido um revolucionário a vida inteira e agora era presidente de um grande país, mas nada faria Nelson Mandela abandonar os rituais adquiridos durante seus 27 anos de prisão.

Nem quando estava na casa de outras pessoas, nem quando estava hospedado num hotel de luxo, nem mesmo depois de passar uma noite no Palácio de Buckingham ou na Casa Branca. Estranhamente, jamais era afetado pela mudança de fuso horário e, estivesse em Washington, Londres ou Nova Délhi, ele acordava pontualmente às 4h30 e depois arrumava a cama. Camareiras do mundo inteiro ficavam espantadas ao descobrir que o dignitário visitante já tinha feito metade de seu trabalho. Nenhuma delas se espantou mais que a moça enviada à suíte dele numa visita a Xangai. Ela ficou chocada com os hábitos individualistas de Mandela em seu quarto. Alertado por sua equipe de auxiliares sobre a aflição da camareira, Mandela a convidou ao seu quarto, se desculpou e explicou

que arrumar a cama era como escovar os dentes, algo que ele simplesmente não podia deixar de fazer.

Também era fiel a uma rotina de exercícios que iniciara antes mesmo da prisão, nos anos 1940 e 1950, quando era advogado, revolucionário e boxeador amador. Naquela época, corria uma hora antes de o sol nascer, fazendo o percurso de ida e volta de sua casinha de tijolinhos em Soweto até Johannesburgo. Em 1964, foi para a prisão na ilha Robben, perto da Cidade do Cabo, permanecendo numa cela minúscula durante 18 anos. Lá, por falta de opção, corria no mesmo lugar. Todas as manhãs, sem falta, por uma hora. Em 1982, foi transferido para uma prisão no continente, onde dividiu uma cela com seu melhor amigo, Walter Sisulu, e três outros veteranos da luta antiapartheid na África do Sul. A cela era grande, quase do tamanho de metade de uma quadra de tênis, de forma que ele podia dar pequenas voltas correndo a passos curtos. O problema era que os outros ainda estavam dormindo quando ele começava essa meia maratona entre quatro paredes. Eles reclamavam ferozmente por serem acordados todas as manhãs pelos passos vigorosos de seu companheiro sexagenário, de quem, fora isso, gostavam muito.

Depois de ser libertado da prisão aos 71 anos, em fevereiro de 1990, ele afrouxou um pouco. Em vez de correr, passou a caminhar, mas vigorosamente, ainda todas as manhãs, durante uma hora, antes de o sol nascer. Essas caminhadas normalmente aconteciam no bairro de Houghton, em Johannesburgo, para onde se mudou em abril de 1992, depois de se separar de sua segunda esposa, Winnie. Dois anos mais tarde se tornou presidente e passou a ter duas grandes residências à sua disposição, uma em Pretória e a outra na Cidade do Cabo, porém se sentia mais à vontade em sua casa em Houghton – um refúgio nos ricos (e até pouco antes exclusivos para brancos) subúrbios ao norte da metrópole sul-africana. Um habitante de Los Angeles ficaria impressionado com as semelhanças entre Beverly Hills e Houghton. Os brancos tinham cuidado bem de si mesmos durante o longo período que Mandela passou na pri-

são e agora ele sentia que tinha ganhado um pouco da vida boa também. Gostava da imponência tranquila de Houghton, do ar fresco em suas caminhadas matinais, das conversas com os vizinhos brancos, a cujos aniversários e outras comemorações ele às vezes comparecia. No início de seu mandato, um garoto judeu de 13 anos foi até a casa de Mandela e entregou ao policial no portão um convite para seu bar mitzvah. Os pais do menino ficaram espantados ao receber um telefonema do próprio Mandela alguns dias depois, pedindo indicações de como chegar à casa deles. Ficaram ainda mais surpresos quando ele apareceu à porta, alto e sorridente, no grande dia de seu filho. Mandela se sentiu bem-vindo e à vontade numa comunidade em que, durante a maior parte de sua vida, ele só poderia ter vivido se fosse o que na África do Sul dos brancos era chamado de “garoto do jardim”, independentemente da idade. Ele acabou se apegando a Houghton e continuou a viver lá durante toda a presidência, dormindo nas residências oficiais apenas quando o protocolo assim o exigia.

Nessa manhã de inverno no hemisfério Sul, Mandela acordou, como sempre, às 4h30, se vestiu e fez a cama... mas então, agindo de uma forma fora do comum para uma pessoa tão metódica quanto ele, quebrou a rotina e não saiu para sua caminhada matinal. Desceu as escadas, sentou-se na sua cadeira na sala de jantar e tomou o café da manhã. Tinha pensado nessa mudança de planos na noite anterior, o que lhe deu tempo para avisar a seus espantados guarda-costas, a Unidade de Proteção Presidencial – ou PPU (President Protection Unit) –, que no dia seguinte eles poderiam ficar uma hora a mais na cama. Em vez de chegarem às cinco, poderiam chegar às seis. Eles precisariam do descanso extra, pois o dia seria um desafio para eles, quase tanto quanto seria para o próprio Mandela.

Outro sinal de que esse não era um dia comum era que Mandela, normalmente pouco dado a nervosismos, sentia um frio na barriga. “Você não imagina o que passei naquele dia”, confessou-me. “Eu estava tão tenso!” Era uma coisa bem curiosa para um homem com o seu passado dizer. Esse não era o dia de sua liberta-

ção em fevereiro de 1990, nem de sua posse como presidente em maio de 1994, nem mesmo aquela manhã de junho de 1964, quando acordou numa cela sem saber se o juiz o condenaria à morte ou, como acabou acontecendo, à prisão perpétua. Era, sim, o dia em que seu país, a África do Sul, iria jogar contra o melhor time do mundo, o da Nova Zelândia, na final da Copa do Mundo de Rúgbi. Seus compatriotas estavam tão tensos quanto ele. No entanto, o mais impressionante – num país que, historicamente, tinha passado da crise para o desastre – era que toda essa ansiedade se devia à expectativa de um iminente triunfo nacional.

Antes desse dia, quando uma história dominava as manchetes dos jornais, quase sempre se tratava de algo ruim que tinha acontecido ou que estava prestes a acontecer; ou então era algo que uma parte do país considerava bom e outra parte achava ruim. Mas, nessa manhã, um consenso nacional jamais visto antes tinha se formado em torno de uma ideia. Todos os 43 milhões de sul-africanos – negros, brancos e de todos os tons entre esses dois extremos – tinham o mesmo desejo: que seu time, o Springboks, fosse campeão.

Ou quase todos. Havia pelo menos um descontente naquelas derradeiras horas antes do jogo, uma pessoa que queria que a África do Sul perdesse. Seu nome era Justice Bekebeke. Ele se prendia ao que considerava uma posição baseada em bons princípios, apesar de saber que ninguém compartilhava o seu desejo de que o outro time ganhasse. Nem sua namorada, nem o resto de sua família, nem seus melhores amigos em Paballelo, o vilarejo de maioria negra onde morava. Todas as pessoas que ele conhecia estavam com Mandela e “os Boks”, apesar de quase todos os 15 jogadores que estariam usando a camisa verde e dourada da África do Sul naquela tarde, com exceção de um, serem brancos. E isso num país em que quase 90% da população era negra ou mulata. Bekebeke não participaria disso. Ele estava se mantendo à parte, recusando-se a entrar nesse espírito de quase embriaguez de companheirismo multirracial que tinha confusamente possuído até mesmo Mandela, seu líder, seu herói.

Aparentemente, ele estava certo, e Mandela e todos os outros estavam não só errados como loucos. O rúgbi não era um esporte da África do Sul negra. Nem Bekebeke nem Mandela, nem a grande maioria de seus compatriotas negros, tinham crescido praticando esse esporte, nem tinham paixão por ele. Se Mandela, um grande fã repentino, fosse honesto, confessaria que tivera muita dificuldade para entender algumas regras. Como Bekebeke, Mandela tinha passado a maior parte de sua vida ativa detestando rúgbi. Era um esporte de brancos e principalmente o esporte dos africanos – a raça dos senhores do apartheid. Por muito tempo o Springboks foi visto pelos negros como um símbolo da opressão do apartheid, tão repelente quanto os antigos hino e bandeira nacionais dos brancos. A repulsa contra o esporte era ainda mais forte entre aqueles que, assim como Bekebeke e Mandela, tinham sido presos por terem lutado contra o apartheid – no caso de Bekebeke, por 6 de seus 34 anos.

Outro personagem que, por razões bem diferentes, esperava-se que seguisse a linha anti-Springboks de Bekebeke naquele dia era o general Constand Viljoen. Viljoen estava então aposentado, mas tinha sido o chefe dos militares sul-africanos durante cinco dos mais violentos anos de confronto entre ativistas negros e o Estado. Ele derramara muito mais sangue defendendo o apartheid do que Bekebeke o combatendo, mas nunca foi preso. Poderia ser grato por isso, porém passou parte de sua aposentadoria mobilizando um exército para se revoltar contra a nova ordem democrática. No entanto, nessa manhã, levantou-se da cama na Cidade do Cabo no mesmo estado de vibrante tensão que Mandela e o grupo de amigos sul-africanos com quem planejara assistir ao jogo pela televisão à tarde.

Niël Barnard, um africano que teve a curiosa honra de lutar contra Mandela e contra Viljoen em momentos diferentes, estava ainda mais tenso que seus ex-inimigos. Barnard, que estava se preparando para assistir ao jogo com sua família em Pretória, a mais de 1.400 quilômetros ao norte da Cidade do Cabo, a 40 minutos de viagem

de Johannesburg, tinha sido chefe do Serviço Nacional de Inteligência da África do Sul (National Intelligence Service – NIS) durante a última década do apartheid. Mais íntimo do que qualquer outra pessoa do notoriamente implacável presidente P. W. Botha, ele era visto como uma figura sombria e demoníaca tanto pela direita quanto pela esquerda e por pessoas de fora da África do Sul. Defensor do Estado por profissão e temperamento, independentemente de que forma o governo assumisse, Barnard tinha travado uma guerra contra o Congresso Nacional Africano de Mandela, tinha sido o líder por trás das negociações de paz com eles e depois defendeu o novo sistema político contra os ataques da direita, à qual pertencera originalmente. Tinha a reputação de ser assustadoramente frio e imparcial. Mas, quando se soltava, era para valer. O rúgbi era sua válvula de escape. Quando o Springboks estava jogando, deixava de lado todas as inibições e se tornava, como ele mesmo dizia, um torcedor idiota. Naquele dia, quando ia acontecer o maior jogo da história do rúgbi sul-africano, ele acordou com os nervos à flor da pele.

O arcebispo Desmond Tutu, sobre cuja vida Barnard costumava manter dossiês detalhados, se encontrava num estado de apreensão semelhante – ou se encontraria se não estivesse dormindo. Tutu, que tinha sido o substituto de Mandela no cenário global durante os anos que ele ficou na prisão, era talvez o mais excitável – e sem dúvida o mais animado – de todos os ganhadores do Prêmio Nobel da Paz. Havia poucas coisas de que ele teria gostado mais do que de assistir ao jogo no estádio, mas estava em São Francisco fazendo palestras e recebendo prêmios. Na noite anterior, após uma procura aflitiva, tinha encontrado um bar onde poderia assistir ao jogo pela televisão ao raiar do dia no horário local. Foi dormir inquieto, desejando que, contrariando as probabilidades, o Springboks vencesse na manhã seguinte.

Quanto aos jogadores, eles já estariam tensos o bastante se essa fosse apenas uma final de Copa do Mundo. Mas agora carregavam

um fardo a mais. Talvez um ou dois dos jogadores mais expansivos do time sul-africano – não mais que isso – tenham tido algum pensamento político antes do início da Copa do Mundo. Eles eram como os outros sul-africanos brancos, que, por sua vez, eram como a maioria dos homens do mundo, que se importam pouco com a política e muito com os esportes. Porém, quando Mandela tinha ido se encontrar com eles no mês anterior, um dia antes de a Copa começar, um pensamento inusitado tomou conta deles: tinham se tornado, literalmente, jogadores políticos. Naquela manhã da final, eles entenderam com uma clareza assustadora que a vitória contra a Nova Zelândia poderia conseguir algo que aparentemente era impossível: unir o país mais dividido pela segregação racial do que qualquer outro no mundo.

François Pienaar, o capitão do Springboks, acordou com o resto do time num hotel de luxo ao norte de Johannesburgo, perto de onde Mandela vivia, num estado de concentração tão profundo que demorou a se dar conta de onde estava. No meio da manhã, quando saiu para se alongar e correr, seu cérebro não tinha noção de para onde suas pernas o estavam levando; ele estava totalmente concentrado no confronto daquela tarde. O rúgbi é como um jogo de xadrez gigantesco jogado em velocidade e com muita violência, e o Springboks estaria enfrentando os grandes mestres do esporte, o All Blacks da Nova Zelândia, o melhor time do mundo e um dos melhores de todos os tempos. Pienaar sabia que o All Blacks era favorito; as chances de ele vencer o Springboks eram de 9 para 1.

A única pessoa com uma responsabilidade maior que a dos jogadores naquele dia era Linga Moonsamy, membro da Unidade de Proteção Presidencial, a PPU. Ocupando o cargo de guarda-costas “número um” da PPU, ele não se afastaria mais de um passo de Mandela, desde que ele saísse de casa para o jogo até o momento em que estivesse de volta. Moonsamy era um ex-guerrilheiro do Congresso Nacional Africano de Mandela, o CNA. Como profissional, estava ciente dos perigos físicos que seu chefe corria naquele

dia e, como ex-combatente pela liberdade, sabia quanto ele estava se arriscando politicamente.

Grato pela hora extra de sono que seu chefe lhe concedera, Moonsamy dirigiu até a casa de Mandela em Houghton e passou pelo posto policial nos portões às seis horas da manhã. Logo depois chegou a equipe da PPU que cuidaria da guarda de Mandela, no total 16 homens, metade composta por ex-policiais brancos e a outra metade, por ex-combatentes pela liberdade negros como ele. Todos se reuniram formando um círculo no pátio da frente, como faziam todas as manhãs, em volta de um membro da equipe, conhecido como oficial de planejamento, que passava adiante as informações recebidas do Serviço Nacional de Inteligência sobre possíveis ameaças a que eles deveriam prestar atenção, os detalhes da rota até o estádio e os pontos vulneráveis no caminho. Um dos quatro carros do destacamento da PPU saiu para fazer a escolta. Moonsamy ficou para trás junto com os outros, que se revezavam verificando suas armas, dando uma olhada no Mercedes-Benz prateado blindado de Mandela e ocupando-se da papelada. Por serem formalmente subordinados à polícia, eles sempre tinham que preencher formulários, e esse era o momento ideal para isso. A menos que algo inesperado acontecesse, e quase sempre acontecia, eles teriam muito tempo livre até a hora da partida, uma boa oportunidade para Moonsamy e seus colegas ficarem de papo antes do jogo.

Mas Moonsamy, ciente da responsabilidade especial que tinha naquele dia (o guarda-costas número um sempre mudava), estava tão concentrado em sua grande tarefa quanto François Pienaar. Moonsamy, um homem alto e ágil de 28 anos, enfrentaria o maior desafio de sua vida. Ele estava na PPU desde o dia em que Mandela se tornara presidente e já tinha vivido algumas aventuras. Mandela insistia em fazer aparições públicas em lugares improváveis (bastiões do domínio africâner rural de direita, por exemplo) e adorava se misturar indiscriminadamente à multidão para ter algum contato direto com seu povo. Ele também gostava de fazer paradas não

programadas, mandando de repente o motorista deter-se diante de uma livraria porque tinha acabado de se lembrar de um livro que queria comprar. Sem se preocupar com o tumulto que causaria, Mandela entrava na loja. Certa vez, em Nova York, quando sua limusine ficou retida no trânsito a caminho de um compromisso importante, ele desceu do carro e saiu andando pela Sexta Avenida a pé, para espanto e deleite dos transeuntes. “Mas, senhor presidente, por favor...!”, imploravam seus guarda-costas. E Mandela retrucava: “Olhe só. Cuide do seu trabalho que eu cuido do meu.”

O trabalho da PPU naquele dia seria diferente de tudo o que tinham feito antes ou que fariam no futuro. O jogo daquela tarde, ou melhor, a participação de Mandela nele seria, segundo Moonsamy, a entrada de Daniel na cova dos leões – mas haveria 62 mil leões no estádio Ellis Park, um monumento à supremacia branca não muito distante da calma Houghton, para um só Daniel. Noventa e cinco por cento do público seria branco – a maioria africâner. Cercado por este anfitrião improvável (Mandela nunca tinha estado diante de uma multidão como essa), ele apareceria no campo para cumprimentar os jogadores antes do jogo e depois, no final, para entregar a taça ao capitão da equipe vencedora.

A cena que Moonsamy imaginava – as fileiras aglomeradas do antigo inimigo, africâneres com barrigas de chope usando camisas cáqui, em torno do homem que eles tinham visto, durante a maior parte de suas vidas, como o grande terrorista-chefe da África do Sul – parecia um sonho surrealista. Só que, contido nele, estava o objetivo de Mandela, sério e real. Sua missão, comum a todos os sul-africanos politicamente ativos de sua geração, tinha sido substituir o apartheid pelo que o CNA chamava de “democracia não racial”. Só que ele ainda tinha que alcançar uma meta igualmente importante e não menos desafiadora. Ele era presidente agora. Um ano antes, pela primeira vez na história da África do Sul, tinham ocorrido eleições de voto universal. Porém, o trabalho não estava encerrado. Mandela tinha que garantir a base da nova democracia, tornando-a resistente

às forças perigosas que ainda espreitavam. A história mostrava que uma revolução tão perfeita quanto a sul-africana, na qual o poder passara da noite para o dia para um grupo historicamente rival, levava a uma contrarrevolução. Eles ainda eram cercados por muitos extremistas treinados por militares e fortemente armados; muitos africâneres intransigentes de extrema direita – variações da Ku Klux Klan dos Estados Unidos, porém mais organizadas, mais numerosas e mais fortemente armadas. Nessas circunstâncias, de acordo com o que as leituras políticas de Moonsamy lhe haviam ensinado, o terrorismo branco de direita era esperado, e era exatamente isso que Mandela tentava evitar mais do que tudo como presidente.

O único jeito de conseguir isso era fazer a população branca se curvar à sua vontade. No início de seu mandato como presidente, ele vislumbrou a possibilidade de conquistá-los por meio da Copa do Mundo de Rúgbi. Foi por isso que ele trabalhou arduamente para convencer seus próprios partidários negros a abandonar o preconceito completamente justificado de uma vida inteira e apoiar o Springboks. Era por isso que ele queria mostrar aos africâneres no estádio que o time deles era seu time também, que ele seria solidário a eles no triunfo ou na derrota.

Mas o plano era muito perigoso. Os extremistas poderiam atirar em Mandela ou planejar um atentado a bomba. Ou toda aquela encenação pretendida com o jogo poderia ter um resultado contrário ao que era esperado. Uma derrota feia do Springboks não ajudaria muito. Ainda pior era a possibilidade de os torcedores africâneres vaiarem o novo hino nacional que os sul-africanos negros tanto estimavam ou desfaldarem a odiada antiga bandeira laranja, azul e branca. Os milhões de telespectadores nos vilarejos negros se sentiriam humilhados e ultrajados, mudando seu apoio para o time neozelandês e acabando com o consenso que Mandela tinha lutado tanto para construir em torno do Springboks, com conseqüências potencialmente desestabilizadoras.

Porém, Mandela estava otimista. Acreditava que tudo ia dar certo,

assim como acreditava (e nisso estava em reduzida minoria) que o Springboks venceria. Por isso estava tenso mas alegre quando se sentou para tomar seu habitualmente vasto café da manhã naquele sábado frio e claro de inverno. Comeu, nesta ordem: metade de um mamão papaia, mingau de milho grosso, ao qual acrescentou um mix de nozes e passas antes de cobrir com leite quente, salada verde e, num prato separado, três pedaços de banana, três de kiwi e três de manga. Por fim se serviu de uma xícara de café adoçado com mel.

Mandela, ansioso para que o jogo começasse, se alimentou naquela manhã com uma satisfação especial. Não tinha percebido até então, mas toda a sua vida tinha sido uma preparação para aquele momento. Sua decisão de entrar no CNA como um homem jovem aos 40 anos; sua liderança desafiadora na campanha contra o apartheid aos 50; a solidão, a dureza e a rotina tranquila da prisão; o programa aplicado de exercícios físicos ao qual se submetera quando estava preso, acreditando sempre que um dia seria libertado e desempenharia um papel de liderança no destino de seu país: tudo isso e muito mais tinha proporcionado a plataforma para o salto final dos últimos 10 anos, um período que havia testemunhado Mandela travar suas mais duras batalhas e conquistar suas vitórias mais improváveis. Esse dia seria o grande teste, aquele que possivelmente ofereceria o prêmio mais duradouro.

Se funcionasse, seria o desfecho triunfante da jornada que ele empreendera, classicamente épica em sua ambição, na década final de sua longa caminhada rumo à liberdade. Como na *Odisseia* de Homero, ele progredira de desafio em desafio, superando cada um, não porque fosse mais forte que seus adversários, mas porque era mais inteligente e esperto. Desenvolvera essas qualidades após sua prisão em 1962, quando se deu conta de que o caminho da força bruta que tentara como comandante fundador da ala militar do CNA não funcionaria. Na prisão, entendeu que o caminho para vencer o apartheid era persuadir os próprios brancos a acabarem com ele, se juntar ao seu time e se submeter à sua liderança.

Foi também na prisão que aproveitou sua primeira grande oportunidade de pôr a estratégia em ação. O adversário naquela ocasião era um homem chamado Kobie Coetsee, cujo estado de espírito naquela manhã do jogo de rúgbi era de excitação e nervosismo, como o de todas as outras pessoas, e cuja clareza de propósitos estava enevoadada apenas pela questão de se deveria assistir ao jogo em casa, fora da Cidade do Cabo, ou entrar no clima geral num bar da vizinhança. Coetsee e Mandela agora estavam do mesmo lado, algo que seria impensável quando se encontraram pela primeira vez, uma década antes. Naquela época, eles tinham todos os motivos para serem hostis um com o outro. Mandela era o preso político mais famoso da África do Sul e Coetsee era o ministro da Justiça e das Prisões. A tarefa que Mandela determinou para si mesmo, então, após ter cumprido 23 anos de sua condenação à prisão perpétua, era conquistar Coetsee, o homem que guardava as chaves de sua cela.